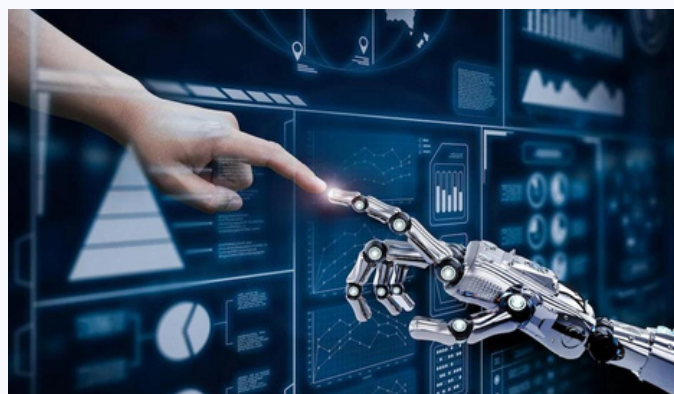


THE CONVERSATION

Apresentar a IA como evidente nos impede de pensar sobre a tecnologia digital

19 de outubro de 2023

Na primavera passada, personalidades tão diversas quanto Elon Musk, Yuval Noah Harari e Steve Wozniak se juntaram a mais de 1.000 "especialistas" para alertar sobre os "grandes riscos para a sociedade e a humanidade" representados pela inteligência artificial e pedir uma pausa de seis meses no treinamento de modelos mais poderosos que o GPT-4.



Do *Le Monde* ao *Le Figaro*, sem esquecer o *France Info* e o *Libération*, a mídia transmitiu de bom grado os termos dessa carta, que pede uma pausa para afirmar a inevitabilidade e a onipotência dos futuros sistemas de IA.

O que chama a atenção na recepção imediata dessa carta pela mídia é sua miopia diante de um processo que vem sendo teorizado há quase 30 anos: o **"impensável digital"** (ou **impensável computacional**, antes disso). O conceito de "impensável" refere-se às estratégias discursivas pelas quais a tecnologia é apresentada como evidente, geralmente sob a influência dos atores cujos interesses econômicos ou políticos ela atende.

A carta aberta do instituto Future of Life é um caso exemplar disso: de acordo com ela, a inteligência artificial é uma ferramenta poderosa, já está aqui e está destinada a ser ainda mais presente e poderosa no futuro para o bem maior da humanidade.

Como identificar o impensável digital?

Sete marcadores discursivos devem lhe dar uma pista. Para ilustrar essa "caixa de ferramentas", a carta aberta de Elon Musk et al, que afirma pedir uma pausa, apresenta com vantagem todos os marcadores discursivos do impensável, embora também possa ser aplicada ao relatório Villani, muito sério, que em 2018 pediu uma estratégia nacional e europeia de IA.

O impensado forma um círculo vicioso com a mudança na prerrogativa política...

O impensável está intrinsecamente ligado a dois outros processos com os quais forma um verdadeiro círculo vicioso: a mudança na prerrogativa política e o gerencialismo.

Graças ao impensável digital, ferramentas de propriedade de agentes privados sem legitimidade eleitoral ou real determinam até mesmo o acesso do público às informações. Um exemplo é a plataforma X (antigo Twitter), que é examinada por jornalistas porque é alimentada por figuras públicas e políticas, bem como por instituições públicas.

Quando uma plataforma privada transmite uma mensagem política, temos o que é conhecido como "**mudança de prerrogativa política**".

Quando os participantes privados implantam sistematicamente tecnologias, desde a infraestrutura (cabos, farms de servidores etc.) até software e aplicativos, isso equivale a delegar a eles a tomada de decisões políticas. Portanto, com um mecanismo de busca dominando nosso acesso a informações e ocupando uma posição que se qualificaria como um serviço público genuíno, estamos em meio a uma mudança na prerrogativa política.

O mesmo fenômeno pode ser observado quando o governo francês prefere usar empresas de consultoria em vez de conhecimento acadêmico. Empresas cujas recomendações favorecem prontamente o uso sistemático de tecnologias digitais e preparam o caminho para o gerencialismo.

... e com o gerencialismo

Hoje, as ferramentas digitais não apenas nos permitem gerenciar várias atividades (bancos, consultas médicas etc.), mas também, e principalmente, tornaram-se essenciais para a realização dessas tarefas. Não temos escolha a não ser nos encaixar nas categorias que essas ferramentas nos impõem. Nem sempre é fácil marcar uma consulta com uma secretária médica, por exemplo, ou fazer sua declaração de imposto de renda em papel. Isso é o que se chama de "gerencialismo".

Essa tendência de gerenciamento também reflete uma mudança. Por exemplo, a ferramenta Parcoursup para acesso ao ensino superior agora é imposta aos alunos do ensino médio e suas famílias. Mas essa ferramenta tem uma dimensão política com consequências questionáveis, como a exclusão de certas categorias de portadores de diploma de bacharelado ou o aumento da concorrência entre os cursos. Na administração, a ferramenta é secundária em relação à atividade; com a administração, a ferramenta se torna primária: o Parcoursup tem precedência sobre a necessidade à qual deveria responder.

Em nosso dia a dia, seja para visitar uma nova região, escolher um cardápio para o jantar ou encontrar nossa alma gêmea, todos inserem obedientemente as informações esperadas pelas plataformas de consumo digital. Quando participamos de atividades esportivas usando uma pulseira que processa, armazena e circula uma série de dados biométricos, eles se tornam o modelo que seguimos, em vez da maneira como nosso corpo se sente, em uma espécie de "autogerenciamento".

Devidamente identificados e perfilados por nossas ferramentas, contribuímos sem reservas para os lucros econômicos de empresas cuja renda escapa à tributação... E, portanto, para o poder democrático já abalado pela mudança na prerrogativa política.

Crítica... e ação

A era digital não é o futuro infernal ou radiante prometido por seus impensados: é apenas uma categoria para designar um conjunto de objetos técnicos e dispositivos sociotécnicos que precisam ser questionados e debatidos em termos de sua ação política e social.

Embora o impensado concentre nossa atenção na IA, talvez precisemos de mais ferramentas novas (nas quais possa haver IA) para organizar melhor a expressão (digital) de nossa inteligência diante de questões que exigem decisões coletivas sem precedentes. Clima, democracia, meio ambiente, saúde, educação, convivência: não faltam desafios.

Com isso em mente, nós o convidamos a descobrir a nova versão do serviço de navegação na Web contributivo Needle. Inspirada no conceito do impensado, essa forma radicalmente diferente de acessar e compartilhar conteúdo digital é baseada na inteligência coletiva. O Needle é uma plataforma para conectar pessoas, incorporando a esperança de um ambiente digital enriquecido pela interação e pela exploração curiosa de todos, em vez da rede de linhas retas por meio da qual as inteligências artificiais supostamente nos dizem quais documentos consultar.

Essa tecnologia está agora sendo promovida por uma start-up, prova de que é possível apresentar propostas concretas que levem em conta a necessária crítica do lugar dado à tecnologia em nossas sociedades.



Autores :

Julien Falgas

Professor sênior do Centro de Pesquisa sobre Mediação, Universidade de Lorraine

Pascal Robert

Professor universitário, École nationale supérieure des sciences de l'information et des bibliothèques; laboratório ELICO, Universidade de Lyon

Traduzido do francês por Amanda dos Santos Machado